

## O pragmatismo brasilianista na produção biográfica:

Getúlio Vargas por John W. F. Dulles\*

MARCELO HORNOS STEFFENS\*\*

### Introdução

O presente texto analisa alguns aspectos da biografia *Getúlio Vargas*: uma biografia política, escrita pelo brasilianista John W. F. Dulles e publicada em 1967 no Brasil. Nesse trabalho apresento as interpretações do autor sobre alguns momentos significativos da trajetória de Getúlio Vargas: seu surgimento na política e a relação com traços de sua personalidade, a Revolução de 1930, a implantação do Estado Novo, sua destituição em 1945 e o Segundo Governo de Vargas até seu suicídio.

Pretende-se, a partir da análise de alguns elementos da obra de Dulles, perceber interferências do contexto nas interpretações realizadas pelo autor sobre a trajetória de Getúlio Vargas. Interpretações e inferências que apontariam, em nossa leitura, para interesses diferentes do que a estrita produção de conhecimento acadêmico sobre o Brasil.

### O autor

A biografia aqui analisada, *Getúlio Vargas: biografia política*<sup>1</sup>, foi escrita no ano de 1967, pelo brasilianista, norte-americano, John W. Foster Dulles.

John W. F. Dulles nasceu em 1913, foi professor de Estudos Latino-Americanos na Universidade do Texas, em Austin, onde dava aulas de Política Brasileira. Era o filho mais velho de John Foster Dulles<sup>2</sup> (1888-1959), o secretário de Estado dos Estados

---

\*Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio à participação neste simpósio.

\*\*Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL\_MG), Doutor em História.

<sup>1</sup> DULLES, John W. F. *Getúlio Vargas: biografia política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1967.

<sup>2</sup> Foi o [...] "artífice da política externa americana no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, credita-se [a seus princípios] o tratado de paz com o Japão derrotado e com outros 48 países, do qual os Estados Unidos alijaram a União Soviética para impor ao mundo suas condições. Essa conquista valeu ao ideólogo da guerra fria o tão ambicionado cargo de secretário de Estado" dos EUA entre os anos de 1953 e 1959. "O avô materno e um tio afim foram secretários de Estado, o que veio a ser o grande objetivo de sua vida. Em 1919 o presidente Wilson nomeou-o consultor jurídico da delegação americana à conferência de paz de Versalhes, e Dulles foi um dos redatores da Carta das Nações Unidas em 1945. Em 1953, o presidente Eisenhower nomeou-o secretário de Estado. No contexto da Guerra Fria com a União Soviética, Dulles notabilizou-se pela impulsividade, dureza no trato com amigos e inimigos, obsessivo [no] anticomunismo e [na] montagem de acordos e tratados, públicos e secretos. Ficou no cargo até abril de 1959. Duramente pragmático, acreditava no que chamava "retaliação nuclear maciça" ante qualquer ameaça militar soviética. Morreu em Washington, em 24 de maio de 1959". In: Enciclopédia Britânica em *Cd-rom*, 1999. Verbete John Foster Dulles.

Unidos (1953-1959), que notabilizou-se por ser um ferrenho anticomunista. Além da biografia de Vargas, John W. F. Dulles escreveu várias outras obras sobre história política do Brasil<sup>3</sup>, etc.

O brasilianista Dulles faleceu recentemente, em 23 de junho de 2008, nos Estados Unidos.<sup>4</sup>

### **O contexto da escrita**

A biografia de Getúlio Vargas foi escrita no auge da Guerra Fria, na década de 1960, quando da “crise dos mísseis” em Cuba, que quase levou Estados Unidos e União Soviética a um confronto nuclear. Cabe ressaltar, entretanto, que logo após esse no Caribe os dois protagonistas trataram de reavaliar suas posições, dando início à chamada *détente*.<sup>5</sup>

Para além de estabelecer alguns novos parâmetros nas relações entre leste e oeste, a *détente* produziu um outro efeito. Os Estados Unidos perceberam que um grande problema se encontrava mais próximo do que se imaginava. Como afirma Feres:

*A administração Kennedy reviu a orientação prévia na suposição de que (1) a União Soviética não tentaria uma invasão direta do continente, e (2) no caso de um conflito em grande escala com forças soviéticas, as forças militares Latin American não seriam capazes de desempenhar um papel importante na defesa do hemisfério. [...] Para o governo americano, a revolução cubana havia mostrado que, em vez de hostilidades diretas, os comunistas iriam explorar o conflito interno para infiltrar-se na Latin American. A política deveria mudar de acordo com essa percepção, reduzindo a assistência militar prevista no Programa de Assistência Mútua (MAP) e transferindo recursos para “programas de segurança interna”, também conhecidos pelo nome menos eufemístico de programas de contra-insurreição. Formalmente, contudo, parte desses programas era classificada como “ação cívica militar” (FERES JÚNIOR, 2005: 135-6)*

---

<sup>3</sup> *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*. RJ: Nova Fronteira, 1977; *Castello Branco: o caminho para a presidência*. RJ: José Olímpio, 1979; *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. 2 volumes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992; *Sobral Pinto, a consciência do Brasil: a cruzada contra o regime Vargas (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

<sup>4</sup> “Brazilianista John W. F. Dulles morre, aos 95 anos, nos EUA”. *Jornal Folha de São Paulo*, 01/07/2008.

<sup>5</sup> A “crise dos mísseis” resultou da tentativa soviética de resguardar Cuba — sua aliada — de novos possíveis ataques planejados nos e pelos Estados Unidos com o objetivo de derrubar o governo socialista de Fidel Castro, assim como, foi uma resposta soviética à instalação de mísseis nucleares na Turquia — aliada dos EUA —. Os soviéticos, então, iniciaram a instalação de 24 mísseis nucleares na ilha. Em outubro de 1962, quando os Estados Unidos perceberam o fato, deram um ultimato a URSS. Como resultado da crise e após intensas negociações, os soviéticos retiraram os mísseis de Cuba e os Estados Unidos retiraram parte dos mísseis instalados na Turquia. “A assim conhecida “crise dos mísseis” estimulou a criação de mecanismos de negociação para evitar uma possível guerra nuclear, com a instalação do *telefone vermelho* entre Moscou e Washington, e o acordo de 1963 que proibia testes nucleares submarinos, atmosféricos ou no espaço”. Ver: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.) *Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, verbete *Détente*, p. 217-8.

No Brasil, nesse contexto, ocorreu o golpe civil-militar em 31 de março de 1964, que derrubou o presidente da República, João Goulart (Jango), resultante de uma conjuntura interna bastante delicada, perceptível desde o início do governo Jango, quando os ministros militares do então presidente Jânio Quadros, logo que entregaram os cargos, começaram a articular com grupos civis conservadores e direitistas a destituição de Jango, mesmo após a saída parlamentarista.

O movimento civil-militar foi um golpe sem um “projeto a favor de algo”, que os próprios militares estavam divididos. Inicialmente, os golpistas falavam de um “golpe preventivo”, que duraria apenas o tempo necessário para que se afastassem “os riscos de radicalização da vida dos brasileiros”. Entretanto, na medida em que o tempo transcorria e que na avaliação dos militares da “linha-dura” os problemas com a subversão e com a oposição não arrefeciam, medidas mais duras eram necessárias, o que levou ao extremismo do Ato Institucional nº 5 (1968) — suspensão da garantia do *habeas corpus* — e do Ato Institucional nº 14 (1969) — estabeleceu a pena de morte para os casos de “[...] guerra externa, psicológica adversa, ou revolucionária ou subversiva”. (FAUSTO, 2009: 480-1)

O brasilianista<sup>6</sup> Dulles vem, portanto, ao Brasil, num período político que compreende um momento bastante delicado das relações dos Estados Unidos com a União Soviética e com os países latino-americanos, porém, estratégico para os interesses norte-americanos, numa

*[...] conjuntura de acirramento da competição hegemônica entre os Estados Unidos e a União Soviética – esta tinha acabado de lançar seu Sputnik e, com ele, um grande desafio à supremacia norte-americana na corrida espacial – intervém o elemento contingente da Revolução Cubana, que foi, sem dúvida, um grande fator de impulsão dos estudos latino-americanos nos EUA. Muitos latin-americanists já propuseram, não sem ironia, erigir uma estátua a Fidel Castro, já que suas iniciativas, logo identificadas com a causa do socialismo mundial, motivaram a administração americana a financiar diversos programas voltados para a “prevenção e cura” dos males latino-americanos.*

*No campo propriamente político-diplomático, são exemplos dessas iniciativas o Corpo da Paz (não restrito ao continente) – um órgão de fomento regional proposto havia décadas –, o Banco Interamericano de Desenvolvimento – nessa fase também resultante de iniciativas de países latino-americanos como o Chile e o Brasil, que tinha lançado a sua Operação Pan-Americana em 1958 – e, mais adiante, a Aliança para o Progresso – voltada para o financiamento de projetos sociais e resultado*

---

<sup>6</sup> “[...] Os historiadores e cientistas sociais estrangeiros que se dedicam ao estudo e pesquisa da temática brasileira, seja essa pesquisa orientada para a busca do conhecimento científico ou para a busca do conhecimento científico a partir de questões político-estratégicas”. (DIEHL, 1999: p.189).

*direto do desafio cubano-soviético no campo dos modelos de desenvolvimento. No campo da educação, a administração americana dá início ao financiamento ampliado de programas de estudos latino-americanos em diversas universidades, cujas conseqüências mais imediatas seriam o estímulo ao aprendizado das línguas ibéricas e a concessão de um número significativo de bolsas de estudos para pesquisa nos próprios países latino-americanos. No setor privado, esforços como os da Fundação Ford, dirigidos ao financiamento de estudos de ciências sociais em nível de pós-graduação, vêm complementar os programas anteriormente existentes, na área oficial (Programa Fulbright, por exemplo) ou por meio de instituições privadas (Fundação Rockefeller). (ALMEIDA, 2001)*

Sobre os estudos realizados pelos brasilianistas nesse período DIEHL (1999: 191) levanta uma tese bastante interessante, a de que tinham como característica geral o “imediatismo” — conhecer rapidamente o Brasil através da pesquisa científica —, o “pragmatismo” — abastecer de informações a política externa dos Estados Unidos, para que suas ações fossem eficazes e, acrescento, a comprovação da efetividade da “aliança para o progresso”, provando que as intenções e as afinidades do grande irmão do norte com os “primos pobres” vinham de longa data, eram históricas.

Da extensa biografia escrita por John Dulles analisamos neste texto algumas análises sobre a personalidade de Getúlio Vargas, a Revolução de 1930, o Estado Novo e o seu segundo governo.

### **A personalidade de Getúlio Vargas**

A partir de levantamentos diversos, pesquisa bibliográfica e entrevistas, Dulles traça esse perfil inicial de Getúlio:

*o político Getúlio Vargas [era] baixo, algo corpulento, era visto muitas vezes fumando um charuto, com ar de contentamento. Ouvinte atento, tinha um sorriso atraente que usava com freqüência, a ponto de os visitantes comentarem a sua “proverbial afabilidade”. Não era extrovertido, mas sim paciente, amável, e aparentemente pouco emotivo. Demonstrava apreciar genuinamente as opiniões que os adversários pudessem avançar numa discussão, e era tido pelos seus companheiros da Assembléia como excelente negociador (DULLES, 1967: 26).*

Ainda segundo Dulles:

*A fachada de calma e amabilidade ocultava considerável tensão, e Getúlio muitas vezes estava menos satisfeito do que sua aparência indicava. No íntimo, era um impaciente, ressentindo a impontualidade e a repetição de histórias que já conhecia. Mas sua autodisciplina dominava de tal forma a impaciência que ele se mantinha sereno até que sua aguda análise de situação indicasse que havia chegado a hora de agir. E em geral a hora chegava mais devagar do que seus companheiros pretendiam, pois Getúlio evitava qualquer risco desnecessário. Quando o jovem Vargas, num discurso*

*de boas-vindas ao senador mais importante do Rio Grande do Sul, elogiou o herói da ocasião porque era capaz de “esperar a marcha dos acontecimentos, colocando-se à frente destes, para guiá-los”,<sup>7</sup> estava demonstrando admiração por uma qualidade que aperfeiçoaria nele próprio (DULLES, 1967: 26).*

Além disso, Getúlio Vargas era

*[...] dotado de autoconfiança, inspirava-se na razão. Encontrando-se num contexto que exigia a capacidade de esperar, ele se tornou um campeão dessa capacidade, e tomava cuidados excepcionais para evitar qualquer passo em falso. Atrás do que Summer Welles chamaria de “rosto singularmente impassível”, havia uma inteligência pronta a julgar situações de uma maneira prática e sensata, que seus inimigos definiriam como “fria” (DULLES, 1967: 26).*

A leitura elaborada por Dulles, sobre traços da personalidade de Getúlio Vargas, chama a atenção se comparada com algumas das outras encontradas nas demais biografias analisadas. Especialmente, em relação ao pretense poder de Getúlio de se colocar à “frente dos acontecimentos”, idéia apresentada, inicialmente, ao que parece, por Paul Frischauer, o biógrafo de Getúlio contratado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no Estado Novo.

Dulles, por sua vez, não atribuiu a Getúlio Vargas nenhum poder manipulatório. Getúlio, conforme o autor, tinha por hábito escutar pacientemente um interlocutor, o que não significava que essa atitude fosse sempre relacionada à intenção de enganar, tirar vantagem ou convencer alguém. Como apontou Dulles, isso indicava muito mais uma capacidade de autocontrole do que um ato contínuo de esperteza.

### **A Revolução de 1930**

Para John W. F. Dulles as circunstâncias que levaram ao movimento de 1930 foram mais ou menos as mesmas apontadas por estudos anteriores, produzidos entre as décadas de 1930 e 1940, a da ruptura da “regra de ouro” da sucessão, ou da chamada “política-café-com-leite”.

Na análise de Dulles, uma certa inabilidade política de Washington Luís também teria contribuído e servido para manter acesa a chama da Aliança Liberal. Por exemplo, em maio de 1930, Washington Luís foi duro — como se esperava — com a aceitação

---

<sup>7</sup> Dulles retirou a idéia, conforme indicou, de FRISCHAUER, Paul. *Presidente Vargas*. p. 103.

dos eleitos pelos estados, para a Câmara Federal.<sup>8</sup> Dos representantes do estado da Paraíba, nenhum ligado a João Pessoa foi aceito. De Minas Gerais, foram aceitas as credenciais de vinte e três e recusadas quatorze, — tanto os aceitos, quanto os rejeitados eram ligados a Antônio Carlos. O único estado da Aliança Liberal que não teve problemas foi o Rio Grande do Sul (DULLES, 1967: 64).

A postura de Washington Luís foi tema, segundo Dulles, de correspondência entre o cônsul dos Estados Unidos, em Recife, e Washington. O cônsul afirmara que “um político mais astuto teria transigido” (DULLES, 1967: 63, nota 15).

Com o assassinato de João Pessoa a situação voltou a tornar-se explosiva. Inúmeros pronunciamentos foram feitos relacionando, diretamente, o assassinato com a postura omissa do presidente da República, que não teria agido para evitar confrontos entre grupos políticos rivais, na Paraíba. Antônio Carlos telegrafou a Getúlio Vargas sugerindo-lhe um manifesto à nação. Segundo Dulles — citando Virgílio de Melo Franco —, Getúlio teria comentado com Aranha que se houvesse alguma manifestação de sua parte seria necessário que os demais preparativos estivessem prontos, pois, um ato daqueles, “[...] sem a sua imediata e lógica sucessão, seria suicídio e crime” (DULLES, 1967: 72).

Diante da pressa de seus companheiros, Getúlio “aguardava os acontecimentos”. Certa vez, segundo Dulles, Getúlio teria dito que “[...] lançariam o movimento programado, mas no momento escolhido por ele, ‘a fim de assegurar a vitória’” (DULLES, 1967: 72).

Com a vitória da Revolução e a destituição de Washington Luís, cabia agora reorganizar o país, evitando que os interesses dos vários grupos, que tornaram o movimento de 1930 tão heterogêneo, levassem a uma nova conflagração. Conforme o autor:

*Por temperamento, Vargas nada tinha de revolucionário. Não o atraía o uso da violência para defender o que podia ser uma causa perdida. Seria difícil, contudo, encontrar outra pessoa tão bem dotada para manejar as forças conflitantes, que agora buscavam satisfação (DULLES, 1967: 85).*

---

<sup>8</sup> Após as votações, os eleitos à Câmara Federal deveriam ter seus mandatos confirmados pela Comissão de Verificação de Poderes, fortemente influenciada pelo presidente da República. Segundo Viscardi, no entanto, essa Comissão teria tido pouca duração e interferido menos do que se lhe atribui. Ver VISCARDI, 2001.

De um lado, portanto, Getúlio tinha os tenentes, que almejavam “[...] romper completamente com o passado” (DULLES, 1967: 86), mesmo que para isso as garantias legais fossem suprimidas. Do outro, os antigos grupos políticos, que haviam abandonado momentânea e pragmaticamente sua postura conservadora, e desejavam de imediato uma nova Constituição. Além disso, havia os militares, que olhavam com desconfiança a indisciplina dos tenentes e a presença conservadora de velhas figuras da política brasileira.

Vale ressaltar, na análise de Dulles, dois elementos. Primeiro, a idéia de que os tenentes desejavam a “ruptura completa com o passado”, que é discordante de uma parte considerável da historiografia. Essa historiografia afirma que para o tenentismo

*o grande mal a ser combatido eram as oligarquias, já que, segundo os tenentes, elas haviam transformado o país em “vinte feudos” cujos senhores eram escolhidos pela política dominante. Embora na época não chegassem a formular um programa antiliberal, e não obstante suas profundas contradições e seu vago nacionalismo, os tenentes identificavam-se com a defesa de propostas como a reforma da Constituição, a limitação da autonomia local, a moralização dos costumes políticos e a unificação da justiça e do ensino, assim como do regime eleitoral e do fisco (FERREIRA, PINTO, 2003: 400).*

Além disso, chama a atenção, a leitura bastante positiva, do autor, quanto ao papel desempenhado pelos militares. Segundo ele, os militares queriam manter a ordem — contra a indisciplina da caserna — e renovar a política — contra a presença dos velhos políticos. Uma leitura que se encaixava muito bem no contexto de publicação da obra, o ano de 1967.

Para Dulles, Getúlio buscava equilibrar-se nesse contexto, não permitindo vitória completa de nenhum dos lados na formação e ocupação dos cargos do governo, ele foi “[...] fiel ao seu cuidado de contrabalançar qualquer força que mostrasse sinais de preponderância” (DULLES, 1967: 97).<sup>9</sup>

De acordo com Dulles, paralelamente às divergências, Getúlio Vargas procurava constituir outras bases de apoio ao seu governo. Para além do apoio dos militares do Exército, Getúlio lançou as bases para a emergência, no cenário pós-1930, dos trabalhadores urbanos. De acordo com o autor:

---

<sup>9</sup> O exemplo dado por Dulles foi o da nomeação de Osvaldo Aranha — ligado aos tenentes — para o Ministério da Fazenda. Em contrapartida, houve a nomeação de Maurício Lacerda — ligado a Borges de Medeiros e a outros líderes gaúchos — para o Ministério da Justiça.

*O setor trabalhista nunca constituirá fator de importância no jogo da política de poder no Brasil. Mas Vargas, que via tal possibilidade no setor trabalhista, assinava decreto após decreto, convencendo muitos trabalhadores urbanos de que o Governo estava ativamente empenhado na defesa de seus interesses. Para proteger a mão-de-obra nacional, foram criadas restrições à imigração e estabelecido, por decreto, que pelo menos dois terços dos trabalhadores em todas as fábricas deviam ser brasileiros. Os benefícios da aposentadoria e das pensões — limitados até então aos trabalhadores portuários, de telégrafos e estradas de ferro — foram estendidos, por uma série de decretos-leis, a outras categorias de trabalhadores urbanos; os empregados com mais de dez anos de serviço foram protegidos, ademais, pelo requisito de que sua demissão só era possível em caso de falta extremamente grave, apurada devidamente. [...] Em março de 1931, foi promulgado decreto [...] que estabelecia normas para a criação de sindicatos [...] A idéia era organizar os sindicatos em federações estaduais, e estas em confederações nacionais. Embora isto representasse mudança radical da atitude hostil com que até então o Governo tinha visto as atividades trabalhistas, alguns grupos interessados em dirigir sindicatos — entre eles os comunistas — criticaram o controle que o Ministério do Trabalho viria a ter sobre os mesmos (DULLES, 1967: 98).*

Das reflexões de Dulles vale ressaltar o tratamento dado pelo autor a dois temas polêmicos da trajetória de Getúlio Vargas. O primeiro é sobre a composição de forças de apoio ao governo. Parece muito adequada a leitura de Dulles ao não atribuir a Vargas nenhuma capacidade “sobrenatural” e, conseqüentemente, aos adversários uma total falta de percepção a respeito do jogo político, algo que na maior parte das análises apareceu e que remete a situações muito irreais. Para Dulles, a grande capacidade de Getúlio era a de conseguir avaliar realisticamente a conjuntura política. Foi graças a esse poder de avaliação que ele logo percebeu que os grupos envolvidos no movimento de 1930 tinham objetivos bem claros, porém distintos, e que era necessário utilizar-se do antagonismo entre eles para ao mesmo tempo manter-se longe, evitando declarar sua simpatia por algum, e perto, ter a capacidade de saber o que cada um dos grupos planejava.

O segundo é o tratamento dado à questão dos trabalhadores. Não nos parece que Dulles tenha dado a esta questão o tradicional tratamento de que Getúlio Vargas tenha objetivado simplesmente e principalmente “manipular” os trabalhadores. De novo, Dulles aponta para o tema da percepção aguçada de Getúlio, ao trazer para o cenário político, ou como diz o autor, para o “jogo da política de poder no Brasil”, uma parcela considerável da população dos centros urbanos como base de apoio ao governo, em troca do estabelecimento de direitos que, conforme indicou, não fazia parte do horizonte

próximo desse grupo social. Tais ações é que teriam atraído os trabalhadores, sua simpatia e adesão ao governo.

Por outro lado, Dulles caracteriza a inclusão dos trabalhadores urbanos muito mais um ato de ação “paternalista” do Estado, do que, propriamente, um processo que tenha resultado na conquista de direitos, fruto da mobilização e organização sindical. O Estado, no contexto da ditadura militar de 1964, assumira, coincidentemente, esse papel. A mobilização era desnecessária, pois poderia sofrer a influência de ideologias externas. Os trabalhadores, por sua vez, deviam ficar tranquilos, o governo recém instaurado sabia o que era melhor para o país.

### **O Estado Novo**

Para Dulles, o Estado Novo foi fruto de inúmeras situações políticas — as eleições presidenciais, o levante comunista de 1935, o problema do Rio Grande do Sul governado por Flores da Cunha e a presença integralista entre alguns membros do Exército — que, de alguma forma, ameaçavam o poder de governar de Getúlio Vargas. A saída para essa situação apontava para um novo período de centralização do poder, para que as ameaças fossem debeladas.

O golpe de 10 de novembro de 1937, às vésperas da Guerra Mundial, teve repercussão internacional. Segundo o autor,

*[...] a imprensa alemã ficou satisfeita, e descreveu a mudança de regime no Brasil como contrária ao pan-americanismo preconizado pelos Estados Unidos da América. O presidente do Senado italiano atribuiu o golpe ao exemplo do fascismo italiano, e à boa influência da cultura italiana no Brasil, explicando: “Os camisas-verdes são filhos, ou irmãos mais moços, dos nossos gloriosos camisas-negras”.<sup>10</sup> Comentava-se que o Mussolini brasileiro não tardaria a aderir ao pacto anti-comunista de que participavam a Itália, a Alemanha e o Japão (DULLES, 1967: 185).*

Conforme Dulles, no entanto, o governo brasileiro através do próprio Getúlio Vargas, imediatamente esclareceu a situação junto ao novo embaixador americano no Brasil, Jefferson Caffery, a quem afirmou: “É ridículo pensar que os alemães, os italianos ou até os japoneses tiveram algo que ver com a recente mudança de regime; da mesma forma, os integralistas em nada contribuíram para ela”.<sup>11</sup> Assim, na avaliação do

---

<sup>10</sup> Dulles utilizou-se da comunicação do Embaixador americano em Roma (Phillips) ao Secretário de Estado dos Estados Unidos, 18 de novembro de 1937. *Ibidem*, p. 185.

<sup>11</sup> Telegrama do embaixador Caffery, no Rio, ao Secretário de Estado dos Estados Unidos, em 13 de

autor, mesmo depois do golpe, as boas relações entre o Brasil e os Estados Unidos não estariam ameaçadas.

Para Dulles as relações de Getúlio Vargas com o integralismo nem sequer eram cordiais. Vargas, sempre segundo Dulles, não demonstrava qualquer inclinação para apreciar, por exemplo, o desfile dos camisas-verdes, em 15 de novembro de 1937. Getúlio tinha consciência das práticas integralistas e não desejava tornar-se um chefe deposto, um segundo Hindenburg (DULLES, 1967: 190).

Conforme Dulles, Getúlio Vargas pretendia, com o novo regime, promover “[...] um forte vínculo de lealdade do povo para com um Brasil unido; lealdade não a grupos e a lemas, nem ao país proposto pela oratória e pelos manifestos de Plínio Salgado”, tendo declarado pelo rádio, em 31 de dezembro de 1937, que “[...] os ‘intermediários políticos’ entre a Presidência e o povo tinham sido eliminados, com a supressão do ‘interesses facciosos’”.<sup>12</sup>

A partir da leitura de Dulles, poderíamos afirmar que as relações entre Brasil e Estados Unidos eram as melhores possíveis. O autor, em momento algum, fez qualquer referência à possibilidade de Getúlio Vargas tornar-se um aliado do Eixo. Muito antes pelo contrário, a narrativa de Dulles apontou para a direção de que o presidente do Brasil era um forte e fiel aliado dos Estados Unidos.

Essa sensação ficou reforçada quando Dulles descreveu várias das ações tomadas pelo governo na tentativa de barrar e extinguir qualquer tipo de ação dos simpatizantes do Eixo em solo brasileiro. Por exemplo, a medida tomada, no Rio Grande do Sul, em 1938, quando da visita de Getúlio Vargas para a inauguração de uma ponte ligando Brasil e Argentina.

*Nesta ocasião, o Coronel Osvaldo Cordeiro de Farias lhe falou sobre a extensão das atividades nazistas no sul do país. De volta ao Rio, o Presidente conferenciou com Góis Monteiro e Francisco Campos, e os três decidiram tomar medidas enérgicas. Cordeiro de Farias, que era gaúcho, foi nomeado Interventor do estado, onde fechou todos os escritórios do Partido Nazista, deportando seu principal representante. Os diretores de jornais de língua alemã foram convidados a abandonar a propaganda hitlerista. Verificando que das duas mil e oitocentas escolas particulares do estado vinte somente usavam a língua portuguesa nas aulas, Cordeiro de Farias pôs todas as escolas particulares sob supervisão estadual. Em Santa Catarina, onde vinte e cinco por cento da população falavam alemão, foi feito obrigatório o*

---

novembro de 1937, DULLES, 1967: 186.

<sup>12</sup> Alguns trechos foram retirados por Dulles da obra de Vargas, *Nova Política do Brasil*, vol. V, p. 123, DULLES, 1967: 190.

*ensino primário em português, e todas as escolas foram obrigadas a adotar nomes luso-brasileiros* (DULLES, 1967: 192).

O ministro do Exterior da Itália, Ciano, e o embaixador alemão, Karl Ritter, protestaram inutilmente. Por outro lado, nos Estados Unidos, “[...] o Subsecretário Summer Welles passou a criticar os que acusavam o novo regime brasileiro de fascista”, e, em Londres, o líder da oposição “[...] declarou que a ditadura brasileira tinha sido estabelecida justamente para evitar a infiltração nazista e fascista” (DULLES, 1967: 192-3).

Dulles, reforçando a tese de que Getúlio Vargas se opunha ao fascismo e os fascistas se opunham a Getúlio. De acordo com o autor, os integralistas brasileiros trabalhavam inspirados pelas notícias do *Anschluss* austríaco — incorporação da Áustria pela Alemanha nazista — e pelo *putsch* que eliminou o primeiro-ministro austríaco Dollfuss. E essa leitura construída pelo autor foi retirada de uma análise de Alzira Peixoto,<sup>13</sup> do ano de 1963. Curiosamente, essa análise não constava de sua obra *Getúlio Vargas, meu pai*, de 1960, mas sim da obra de Paul Frischauer, *Presidente Vargas*, de 1943. A filha de Getúlio Vargas, ao que tudo indica, realizou um processo de “atualização da memória” de seu pai, incorporando essa interpretação à sua nova narrativa.

Sobre a deposição de Vargas, Dulles levanta uma série de elementos desde o “manifesto dos mineiros” e a pressão de setores da oposição para a redemocratização do país e sua ligação com chefes militares, até a substituição, em janeiro de 1945 do Embaixador Caffery, amigo de Vargas, para Paris, agravada, segundo Dulles, com a ausência de Summer Welles no Departamento de Estado, que costumava defender “valentemente a ditadura de Getúlio”, e para quem “o regime brasileiro nada tinha de fascista” (DULLES, 1967: 273), marcando, segundo o autor, a ruptura com os militares e o estabelecimento de uma aliança com uma nova força política representada pelos “queremistas”.

De uma forma geral, o tratamento dado por Dulles a Vargas é bastante interessante. O autor, em momento algum, questiona qualquer possibilidade de adesão de Vargas ao Eixo durante a Segunda Guerra Mundial. Vargas sempre esteve alinhado à

---

<sup>13</sup> Alzira Vargas do Amaral Peixoto, capítulo 7 de “A vida de Getúlio”, *Fatos e Fotos*, 27 de julho de 1963. DULLES, *ibidem*, p. 195.

política norte-americana, com a qual sempre teve ótimas relações. Assim, as interpretações do autor apontam na direção de comprovar a existência de uma longa amizade entre Brasil e Estados Unidos.

### **O segundo governo**

Para Dulles, Getúlio Vargas, em seu segundo governo, tentou construir um governo de coalizão. No entanto, a oposição temia uma aproximação excessiva que o fortalecesse. Em razão disso, inúmeros projetos ficaram parados no Congresso Nacional, dando a sensação de imobilidade do governo.

No plano internacional a situação também se modificara.

*Com o fim da Segunda Guerra Mundial, parecia haver desaparecido a posição especial do Brasil junto aos Estados Unidos, que agora davam grande atenção ao Plano Marshall, e à luta contra o comunismo internacional em outros continentes. Em outras palavras, Vargas estava começando a sentir a falta de Franklin D. Roosevelt (DULLES, 1967: 331).*

Internamente, como foi dito, as acusações contra Vargas proliferavam. Desde o financiamento irregular ao jornal *Última Hora*, até a suposta criação de um pacto entre os governos da Argentina, Brasil e Chile para a adoção de um regime nos moldes do peronismo, o *Pacto ABC*. Para Dulles, no entanto, “[...] não havia qualquer fundamento nas alegações de que Getúlio tinha negociado secretamente com Perón, e, em junho de 1954, os antagonistas do Presidente tentaram outro caminho: acusaram-no de malversação de fundos públicos”. Sobre os novos caminhos construídos pela oposição, o autor, também, foi enfático: “Getúlio, que era um homem absolutamente honesto, promovia investigações para revelar as fraudes e abusos” (DULLES, 1967: 336).

Sobre o nacionalismo de Vargas, Dulles afirmou:

*O nacionalismo era um conceito de extrema importância nos meios políticos e militares do Brasil [...] Vargas parece ter sentido que era possível ser patriótico sem aceitar necessariamente programas sugeridos por muitos que procuravam parecer mais nacionalistas do que os outros. Durante a ditadura, quando julgava ser vantajoso para o país, Getúlio era capaz de ignorar dispositivos constitucionais que exigiam a nacionalização de todos os bancos e fontes de energia hidráulica. Na campanha de 1950 ele acentuou a necessidade de obter capital externo para o desenvolvimento industrial do Brasil, desde que os recursos naturais do Brasil não fossem dominados por estrangeiros (DULLES, 1967: 361).*

Sobre a criação da Petrobrás, uma das referências de lutas nacionalistas posteriores, o autor assinalou:

*O projeto original da Petrobrás, preparado por Getúlio, daria o controle da indústria do petróleo ao Governo brasileiro, sem impedir que os capitais estrangeiros investissem naquele setor, e sem fazer da Petrobrás um monopólio. Estas idéias não puderam ser implantadas porque os políticos sentiram a importância de demonstrar que eram “nacionalistas extremados” (A UDN encontrou uma oportunidade para parecer mais “patriótica” do que Vargas) (DULLES, 1967: 362).*

Para o autor, as razões do suicídio de Getúlio foram diversas, mas passaram por uma onda de acusações e de oposição de diversos setores da sociedade brasileira, desde a União Democrática Nacional (UDN) até o Partido Comunista do Brasil (PCB). Ambos pareciam brigar, de acordo com Dulles, para que fossem reconhecidos como nacionalistas, tema candente e que movimentaria a opinião pública brasileira. Assim, a UDN se colocou contra o projeto original – apresentado pelo governo Vargas - de criação da Petrobrás que permitia a presença de capitais estrangeiros no setor, de maneira oportunista, para fazer parecer que ela (a UDN) era “mais patriótica do que Vargas” (DULLES, 1967: 362).

O PCB agiu da mesma forma, acusando Vargas de “protetor dos trustes estrangeiros”, promovendo intensa campanha contra Getúlio, chamado de “o maior inimigo dos trabalhadores brasileiros”.

*Posição que só foi modificada após o suicídio de Vargas quando “os líderes comunistas, satisfeitos com algumas partes da carta-testamento, decidiram abandonar as resoluções que tinham adotado em agosto de 1954, preconizando a deposição de Vargas: achavam conveniente identificar-se com a popularidade póstuma do “Pai dos Pobres” (DULLES, 1967: 361-2)*

### **Algumas considerações**

John W. F. Dulles começou a obra sem apresentar nenhuma discussão metodológica, como por exemplo, cuidados e dificuldades que enfrentou ao escrever a biografia de Getúlio—, apenas com agradecimentos. Apesar da obra intitular-se Getúlio Vargas: uma biografia política, o autor não estabeleceu nenhuma discussão sobre o que seria mais exatamente uma biografia política. Coincidentemente, ou não, Hélio Silva, um dos autores aos quais Dulles agradeceu em seu livro, lançou em 1980 uma obra intitulada: *Vargas: uma biografia política*.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> SILVA, Hélio. *Vargas: biografia política*. Porto Alegre: LPM, 2004 (Coleção Pocket). Primeira edição, 1980. Para uma definição de biografia política ver DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 27,

Por outro lado, do ponto de vista formal e na perspectiva de um historiador, Dulles foi bastante prolífico, indicando com rigor a origem de suas reflexões e informações. Pode-se afirmar que o autor fez um rigoroso trabalho acadêmico, optando por descrever e analisar a história da conjuntura política da Era Vargas. Além disso, utilizou, em uma escala considerável, os registros do Departamento de Estado, no Arquivo Nacional, em Washington, nos Estados Unidos. Desse material constavam correspondências do embaixador e cônsules dos Estados Unidos no Brasil, avaliando, geralmente, a situação política de dado momento.

Uma crítica que pode ser feita ao autor, foi ao fato do autor usar sem um pudor maior, sem o cuidado necessário, afirmações das mais diversas fontes. Por exemplo, a tese de que Getúlio Vargas esperava [...] “a marcha dos acontecimentos, colocando-se à frente destes, para guiá-los”, foi elaborada por Paul Frischauer,<sup>15</sup> biógrafo contratado pelo DIP para escrever sobre Getúlio Vargas.

O pragmatismo de John W. F. Dulles evidenciou-se quando o autor tratou da questão do nacionalismo. Dulles parecia ter como objetivo comprovar que a imagem de Getúlio Vargas “nacionalista” não correspondia à “verdade histórica” e que o próprio nacionalismo foi usado como elemento demagógico pelos políticos tradicionais brasileiros.

Para além da discussão sofre a transformação de Getúlio Vargas num ícone do nacionalismo — o que ocorreu após sua morte —, a bandeira nacionalista, na década de 1960, era um grande transtorno à política norte-americana da “Aliança para o Progresso”. O nacionalismo, dessa forma, ao invés de aproximar a *Latin America* dos “tradicionais aliados” — como foi comprovado por Dulles na biografia analisada — jogava o país em outras searas, nos braços da União Soviética como decorrência da luta anti-imperialista que o nacionalismo ensejava. Por isso a necessidade de uma intervenção militar, considerada absolutamente natural:

*O corporativismo corresponde ao estilo de desenvolvimento Iberic-Latin; um estilo que é mais adequado às ‘realidades nativas e tradições históricas, (...) à sua própria cultura política e estrutura social (...) do que a imitação anterior dos modelos americano e europeu’.[...] Deve-se notar que, naquele contexto histórico particular, aquilo que Wiarda chamou eufemisticamente de ‘estilo’ corporativo Iberic-Latin estava sendo adotado por ditaduras militares altamente repressivas. Portanto, na realidade, o autor recomenda a seus leitores que aceitem esse arranjo político como inerente à Latin America (FERES JÚNIOR, 2005: 218).*

---

<sup>15</sup> Analisei a obra *Presidente Vargas* no primeiro capítulo de minha tese de doutorado.

## FONTES DE PESQUISA

DULLES, John W. F. *Getúlio Vargas: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Renes, 1967.

FRISCHAUER, Paul. *Presidente Vargas: biografia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Cia Ed. Nacional, 1944.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. O estudo sobre o Brasil nos Estados Unidos: a produção brasilianista no pós-Segunda Guerra. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 27, 2001.

DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira: década de 1930 aos anos 1970*. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 1999.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

FERES JÚNIOR, João. *A história do conceito de “Latin America” nos Estados Unidos*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes, PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 4 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Hélio. *Vargas: biografia política*. Porto Alegre: LPM, 2004 (Coleção Pocket). Primeira edição, 1980.

STEFFENS, Marcelo Hornos. *Getúlio Vargas biografado*. Análise de biografias publicadas entre 1939 e 1988. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2008.

VISCARDI, Cláudia. *O teatro das oligarquias: uma revisão da política do café com leite*. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.